

**«Ἀλήθεια» ALGUMAS ‘INFLUÊNCIAS’ GRECO-HELENÍSTICAS NA
CONSTRUÇÃO DE UM
ANTIGO CONCEITO NAS TRADIÇÕES LITERÁRIAS DO CRISTIANISMO
PRIMITIVO
«Ἀλήθεια» SOME ‘INFLUENCES’ HELLENISTIC IN THE CONSTRUCTION
OF AN OLD CONCEPT IN
THE LITERARY TRADITIONS OF THE EARLY CHRISTIANITY**

Prof. Dr. Pe. Pedro Paulo Alves dos Santos.

SANTOS, P.P.A.

Universidade Estácio de Sá

FACULDADE DE LETRAS

Grupo ‘ARCHAI’ (UNB)

<http://lattes.cnpq.br/7894524760054993>

Brasil

pedro.santos@docente.estacio.br

pedosantos@gmail.com

www.padrepedropaulo.blogspot.com

Av. Afrânio de Melo Franco, 300 CEP: 22430-060 Leblon RJ

RESUMO:

Este artigo disserta, sob o ponto de vista dos estudos de ‘exegese bíblica’, sobre um antigo e intrincado conceito que foi transmitido ao Cristianismo Primitivo, no primeiro século cristão, pela tradição hebraica, através da famosa tradução da “Septuaginta”, no IV século a.C. no Egito Ptolomaico, onde vivia e rezava uma grande Comunidade Judaico-Helenista. A Verdade’ constituiu-se um conceito-chave para as experiências religiosas desde o Mito até as mais sofisticadas pretensões de revelação divina, como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo. Enfocamos aqui, em particular, a proximidade semântica destes ambientes helenizados na ‘Ásia Menor’ com a terminologia utilizada nos textos das Tradições de S.Paulo e, especialmente de S.João (Evangelho e Cartas), que relacionam Cristo, Espírito e Igreja ao âmbito da ‘verdade’.

ABSTRACT

This article expatiates, under the point of views of the studies of biblical exegesis, on an early one and intricate concept that it was transmitted to the Primitive Christianity, in the first Christian century, for the Hebraic tradition, through the famous translation of “Septuagint”, in the IV century a. C., in Ptolemaic Egypt, where lived and prayed a great Jewish Hellenistic Community. The Truth’ it is constituted in a concept-key for the religious experiences from the Myth to the

most sophisticated pretensions of divine revelation as the Judaism, the Christianity and the Islamism. We focused here, in matter, the semantic proximity of these Hellenic atmospheres in 'Minor Asia' with the terminology used in the texts of the Traditions of St. Paul and, especially of St. John (Gospel and Letters), that relate Christ, Spirit and Church in 'the sphere' of the 'Truth'.

Palavras-Chave: Comunidade Joanéia - tradição histórico-literária - Cristianismo Primitivo – Estudos Clássicos.

Key-Words: Johannine Community - historical-literary tradition - Early Christianity – Classical studies.

1. O conceito de Verdade: «Ἀλήθεια»:

O conceito de verdade que nos textos de Jo 14-16, a seção dos Discursos de Adeus, vem aplicado ao Espírito, não é uma “criação” da Comunidade Joanéia, pois já o paralelo de 1Jo 4,6: «ἐκ τούτου γινώσκομεν τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας καὶ τὸ πνεῦμα τῆς πλάνης»¹ indica uma profunda sintonia com aquela linguagem de Qumran. De fato, o conceito de verdade, graças à LXX percorre todo o AT e possibilita à literatura do NT uma visão de conjunto da riqueza de variações do uso deste conceito nos diversos textos do AT, que inspiraram os escritores e redatores do Cânon do NT (BULTMANN, 1992).

1.1 - O Termo «Ἀλήθεια»:

Todos os termos derivados de ἀλήθεια ἀληθεύω ἀληθής ἀληθινός Ἀληθῶς provém de λανθάνω = esquecer, estar escondido, ser ignorado. Sendo composto por «a», prefixo de negação, designa aquilo que não é oculto.

«ἄληθεια» indica aquilo que não é dissimulado. Dizer a verdade, equivale a não esconder nada, por isso “alhgeia se opõe à mentira e ao esquecimento. Dentro desta lógica, um evento é verdadeiro se é revelado (SPICQ, 1982).

1.2 - Na LXX e em Filão

Na LXX², ἀλήθεια não exprime jamais uma noção metafísica, mas quase sempre traduz «μετ» da raiz «μ» (KOCH, 1965, BENOIT, 1968): ser sólido, isto é, indica a solidez, a estabilidade, e a durabilidade. Moralmente significa sinceridade e lealdade (Jd 9,16; Os 4,1; Dn 9,13; Sab 5,6.) 'O substrato hebraico confere ao termo um senso de firmeza e de estabilidade, ou seja, de fidelidade³, daí a expressão: Deus da Verdade' (SPICQ, 1982: p. 115, nota 11; ASENSIO, 1949).

Em Filão (TERMINI, 2000; SIMONETTI, 1985; PÉPIN, 1987), o emprego de ἀλήθεια, que transparece uma certa concepção religiosa, resente muito mais a etimologia e a tradição grega, àquela do uso bíblico. Permanecendo mais próximo do uso platônico do termo, segundo Filão, verdade significa realidade⁴. 'De toda maneira, em Filão não se encontrará nunca o culto da verdade como encontramos nos Salmos e também em Qumram' (SPICQ, 1983, p. 118, nota 21, BETZ, 1960; BENOIT, 1961)⁵.

1.3 - Na Literatura da Tradição Paulina:

São Paulo, um dos primeiros escritores do Cristianismo da Fundação, mesmo empregando a voz ἀλήθεια, segundo a concepção etimologia grega, no sentido 'daquilo que se demonstra abertamente', leva em conta também, o uso vétero-testamentário. De maneira que, segundo o contexto, prevalece uma ou outra perspectiva (MURPHY O'CONNOR, 1965: 29-76).

A Revelação como verdade, coincide com o exato conhecimento da realidade⁶ Como no AT, a concepção de 'verdade/lealdade' é constante em Paulo (CAMBIER, 1962: 1963). No entanto, como lembra Spicq (1983) os passos nos quais «avlh,geia» assume o significado grego de 'verdadeira doutrina', expressão ou manifestação da verdade são muito mais numerosos.(2Cor 4,2: plena proclamação da Revelação sob o olhar de Deus).

Enfim, o próprio Cristianismo é a Verdade (2Pd 1,22), aceitando-o e submetendo-se com a profissão de fé, percorre-se a “estrada da verdade” (VÖGTLE, 1972). Neste sentido, a visão eclesiológica considera o Mistério da Igreja como “Coluna e Sustentáculo da Verdade” imutável (O'CONNOR, 1965)⁷.

Próprio dos últimos escritos do NT, a expressão «εἰς ἐπίγνωσιν ἀληθείας ἐλθεῖν.» indica uma concepção do Cristianismo como verdadeira religião⁸, que parte do princípio da Revelação e da custódia dos valores daí decorrentes (LIPS, 1979, SCHNACKENBURG, 1967). Esta experiência da Verdade se exprime como uma nova “consciência” (CLAVIER, 1973) da própria vida, fundada em Deus (KOSMALLA, 1959; DENNIS, 1967).

1.4 - Na Literatura joanéia⁹.

Nos Escritos joaninos, concebidos, segundo a maioria dos autores, somente como Evangelho e Cartas, encontramos diversos empregos do termo «ἄληθεια», tanto o uso na forma substantival como aquela adjetiva e adverbial.¹⁰ O elevado emprego explicita a importância própria dentro do sistema teológico joanino¹¹. Nesta seção não temos a pretensão de abordar exaustivamente este complexo tema. Queremos somente acenar à guisa de introdução alguns de seus aspectos mais importantes para o desenvolvimento de nossa argumentação específica.

1.4.1 - A Origem do Termo «avlh,geia» nos Escritos Joaninos:

O problema inicial da análise deste termo no contexto da literatura joanéia seria aquele da sua origem sócio-religiosa. O problema é muito complexo; De fato, diversos autores se contrastam na explicação das fontes sócio-literárias do termo verdade, nos escritos Joaninos¹².

Constata-se frequentemente uma aproximação vocabular com tantos ambientes culturais como aquele gnóstico, de Qumran, hermético e da filosofia

platônico-helenística (TRÖGER apud ROGGE und SCHILLE, 1976: p. 61-80). No entanto, parece que se pode afirmar uma forma de originalidade “joanéia”¹³ no uso deste termo, em relação a todos os pontos de contactos a nível de vocabulário-tipo ou mesmo conteúdo: “*Il faut donc se rendre à l’évidence: le vocabulaire-type du dualisme grec, hellénistique ou gnostique au sujet de la vérité, est différent de celui de Jean* (DE LA POTTERIE, 1977: p. 1005).

1.4.2 - A concepção teológico-joanéia:

No conjunto da teologia joanéia, o termo ἀλήθεια pertence à esfera do campo Cristológico, e em particular, à sua função de Revelação. Segundo De La Potterie (1977), a palavra «ἀλήθεια» no sistema teológico joanino, jamais aplicado a Deus, é uma realidade da “economia” da Salvação:

La Verité, pour Jean, est une réalité historique: la révélation définitive apportée par Jésus Christ et present en Lui...Un événement fondamental dans l’histoire de la Revelation, l’événement de grâce (Jn 1,17) qui ouvre les temps eschatologiques (DE LA POTTERIE, 1977: p. 1005)¹⁴.

Em relação ao emprego e ao conteúdo deste termo, este aspecto da Cristologia Joanéia, como “cristologia da Verdade”, constitui o grande elemento de distinção, dos escritos gnósticos e mesmo do judaísmo de Qumran¹⁵:

La Verité dans S.Jean, à la différence de avlh, qeia du platonisme, n’est donc pas l’essence divine, l’être transcendent de Dieu, pas davantage le Verbe éternel vivant auprès du Père. Cet événement central de l’histoire du salut, ce don de la révélation, c’est la vérité (DE LA POTTERIE, 1977, p. 1010).

Sobre o termo «τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας» não ocorre aqui um comentário, tendo em conta que trataremos deste termo de maneira detalhada nas seções seguintes. Seja para tratar a exegese dos discursos de Adeus, e da 1ª Carta, seja ao tratar da Pneumatologia Joanéia, no contexto da experiência das Comunidades Joanéias, que aí se exprime.

2. As Fontes Literárias de τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας:

2.1 - Os Discursos de Adeus (Jo 14-16)

A primeira fonte literária do termo «τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας» no N.T., são os chamados “discursos de Adeus”¹⁶ do Evangelho de João. São capítulos muito complexos, onde a elaboração definitiva de uma teoria coerente sobre sua colocação atual e das suas recíprocas relações está longe de se propor (SIMOENS, 1981: p. 1-49) No entanto pode-se dizer que eles são ‘classificáveis’ dentro de um gênero literário clássico, muito difuso tanto na literatura vétero-testamentária, como greco-

romana. Em que sentido Jo 14-17, nossa fonte literária constitui um discurso de Adeus, como vem entendido literariamente? E quais seriam as características principais que identificam Jo14-16 com citado gênero literário?

2.2 - Discurso de Adeus: Gênero Literário

Muito difundido no mundo de cultura helenística, é comuns às formas bíblicas e greco-romanas. Alguns autores consideram seu estilo e gênero, idênticos aqueles dos chamados “Testamentos” (COLLINS, 1984; KOLENKOW apud KRAFT, 1986).

Segundo Kurz (1990): “*Farewell addresses were a common genre in the Hellenistic world, and had both Greco-Roman and Biblical forms. Testament was a species of the farewell address genre, which scholars often treat as a synonym*”. (KURZ, 1990: p.19).

E, apesar das semelhanças de estilo entre a literatura greco-romana e aquela bíblica, não se pode afirmar que fossem idênticas.

Uma grande diferença reside no fato que, a imagem greco-romana do orador destes discursos era tida como a de um homem divino, enquanto no mundo bíblico, de homens de Deus, outra diferença se encontra no papel de Deus, central nos discursos de Adeus de origem bíblica e o “herói”, que domina centro dos discursos de adeus greco-romanos. Torna-se por isso evidente que os discursos de Adeus do NT sejam muito mais inspirados nos modelos bíblicos do AT, que nas formas greco-romanas (KURZ, 1990, p.19).

No conjunto do AT encontramos exemplos clássicos em Gn 49 (o discurso de Jacó); Dt 31-32 (o discurso de Moisés) e 1Mac 2,49-70 (o discurso de Matatias Macabeu). Fora do mundo bíblico, os discursos de Sócrates no *Fedo* de Platão e Flávio José, em *Guerras Judaicas* XII. 63; 278-284 (CORTES, 1976).

No conjunto do NT ressaltam-se como exemplos clássicos, Lc 22 (o contexto das palavras de Jesus na última ceia); At 20 (o discurso de Paulo a Mileto); e Jo 13-17. Quais seriam os elementos literários mais gerais, que caracterizam estes discursos?

Apesar de ser um gênero de formas muito elásticas, para W.S.Kurz (1990: 32) nos discursos do AT, poder-se-ia determinar ao menos 8 elementos característicos. Um elemento comum pressuposto é aquele da morte iminente do orador do discurso que justifica seu discurso aos descendentes. Muitos destes elementos aparecem nos discursos de adeus do NT. Em particular em Jo 13-17:

1. Profecias e advertência sobre o futuro, especialmente futuras apostasias;
2. As Promessas de Deus sobre o futuro;

3. Exortação ao sucessor;
4. Referência à obra dos Patriarcas;
5. A Nomeação de autoridades e determinação de futuros papéis;
6. Orações, Bênçãos ou maldições;
7. Anúncio da morte do orador, enterro,
8. Legitimação da sucessão com uma fórmula de oração do orador.

Se é bem verdade que o discurso de Adeus de At 20, o discurso de Paulo aos anciãos de Éfeso no porto de Mileto, seria o melhor exemplo do gênero no NT. (SCHNEIDER, 1982; TRAGAN, 1985; LAMBRECHT apud KREMER, 1979, p. 307-337). Interessou-nos, porém, ressaltar com Lc 22,14-38¹⁷, pelas tantas afinidades, aqueles de Jo 13-17 (FITZMYER, 1985: p. 87-88; MADOUX, 1982: p. 158-179).

2.3 - Jo 13-17: Os Discursos Joaninos de Adeus¹⁸

O artigo de H.-J. Klauck (1996) demonstra, pela abundante bibliografia, a atualidade e o expressivo interesse sobre o tema, no conjunto dos estudos sobre os escritos joaninos.

Segundo E. Cortez “es innegable la situación estratégica de estos capítulos en el 4º Evangelho. Sin ellos la Passion-Ressurrección (18-20) sería algo de incomprensible, y la historia de los milagros-signos (2-12) algo inacabado...” (CORTEZ, 1990: 431) Os discursos de adeus, a partir nesta ótica de Jo 13-17, teriam sido a tentativa ‘Joanéia’ de interpretar a Paixão-Morte do Senhor. Em outras palavras, João quer que se compreenda a Paixão através de um discurso de Adeus ou testamento¹⁹.

X.L. Dufour pensa da mesma maneira ao afirmar sinteticamente: “Celui qui, à l’heure de la mort, vient de proclamer la glorification de Dieu et du Fils de l’homme se tourne vers les siens pour leur donner d’ultimes consignes de vie” (DUFOUR, 1993: 65).

Tendo em conta todos os elementos que constituiriam o modelo de discurso de Adeus, que encontramos nos textos do AT e na literatura intertestamentária, Jo 13-17, não seria considerado um típico exemplo deste gênero literário (CORTEZ, 1990: p. 443). Contudo, é evidente que diversos elementos de despedida se encontram concentrados nestes capítulos²⁰, mas, sobretudo o contexto histórico da «última ceia» completa aquilo que faltaria “tecnicamente” a Jo 13-17, para poder ser denominado como discurso de Adeus.

A questão da promessa²¹ do «τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας» com todas as implicações comunitárias que daí surgem constitui assim, um elemento importante dentro da estrutura de Jo 14-16, reforçando, a tendência de aceitar, apesar de ser um modelo incompleto, que esta seção venha considerada como ao menos, uma forma de “até logo”²² de Jesus ao círculos dos seus discípulos. Assim pensa Kurz (1991):

This is not coincidence: the Gospel writer intended John 13-17 to be applied to the readers’ live. He

organized this material in the form of a farewell address, namely, Jesus’ last words and actions with his disciples before he died. The genre of farewell address gives narrative expression to the emphasis people pay to the dying request of those they admire (KURZ, 1990: p. 17).

A respeito da suposta relação eclesial que se pode inferir a partir da perspectiva dos discursos de Adeus, assim se exprime Kurz (1990): “The primary focus of the NT farewell addresses is the legacy from the past to the present Christian community. They ground the present in the past and emphasize continuity with Jesus” (KURZ, 1990: p. 19). Esta posição é seguida por outros autores (RAND, 1991; VANAARDE, 1991).

3 - As Cartas da Tradição Joanéia:

A segunda fonte literária do termo «τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας» é a 1ª Carta de S.João²³. Em 1Jo 4,6: ἐκ τούτου γινώσκουμεν τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας καὶ τὸ πνεῦμα τῆς πλάνης. temos a única ocorrência deste título joanino do Espírito. É bem verdade, que em 5,6: ὅτι τὸ πνεῦμά ἐστιν ἡ ἀλήθεια. constatamos, no contexto do testemunho, esta relação entre o Espírito e a Verdade.

Um primeiro passo na análise desta importante fonte para «τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας» parte da verificação do alcance de significação do termo «avlh,qeia» no conjunto das Cartas, que papel desenvolve este vocábulo no conjunto das cartas?

Um segundo elemento importante é o termo «τὸ πνεῦμα», que em 1Jo 5,6 vem relacionado com a Verdade. O tema do Espírito na chamada grande Carta Joanéia nos dará ocasião, mais adiante de explicitar a possível dependência, ao menos lingüística com os ambientes de Qumran, a terceira fonte literária do termo joanino do Espírito.

Um último elemento que deve ser considerado é a problemática das relações entre o Evangelho e as Cartas Joanéias, pois ilumina a pressuposição deste estudo, isto é, a busca de determinar pontos de contactos na tradição joanéia, que justifique a afirmação de um “Corpus Johanneus”.

3.1 - O termo «ἀλήθεια» nas Cartas Joanéias.

Um artigo de Schnackenburg (1967) sobre as duas pequenas cartas de João, remete-nos, quanto ao conceito de verdade, à mesma esfera de significação que encontramos, tratando do tema nas Cartas Pastorais²⁴. Examinaremos somente o conceito no âmbito das pequenas cartas. É evidente, contudo, que o constante referimento à 1ª Carta nos permite de falar, mesmo com reservas, de uma conceituação do termo «ἀλήθεια» no âmbito das Cartas Joanéias, no seu conjunto.

O termo «ἀλήθεια» como nominativo ocorre 12 v., nas três Cartas²⁵. A

análise dos contextos onde encontramos as diversas formas do termo parece confirmar a estrutura, que podemos observar mais de perto no Evangelho, isto é, uma forte concentração Cristológica. A verdade parece identificar-se com a Revelação/doutrina de Cristo. Uma diferença importante é que, no contexto das Cartas se faz apelo mais forte e explícito à “tradição Joanéia”, transmitida desde o princípio e ameaçada por falsas doutrinas e interpretações ao interno do movimento/comunidades joanéias.

Um primeiro aspecto, que se nota logo ao início de 2ª Jo é uso do termo verdade, que parece vir associado, ao “ensinamento/doutrina de Cristo” (v.9: ἐν τῇ διδαχῇ τοῦ Χριστοῦ) O problema de fundo, que justifica a centralidade deste conceito é a presença de falsos mestres e suas doutrinas cristológicas, que se opõem àquela da tradição joanéia. Ora, o problema consiste em permanecer fiéis à doutrina recebida.

O mesmo problema ocorre na 1ª Jo, onde se exprime claramente um forte senso de oposição àqueles, que espalhando falsas doutrinas que afastam os fiéis joaninos da Verdade, como encontramos em formulado em 1Jo 2,28-25. Esta semelhança de contexto possibilita uma breve comparação entre este dois textos. Em 1Jo 2,18-25, encontramos possivelmente uma primeira formulação comum: à 2Jo. O contexto é aquele da defesa da reta doutrina cristológica, e este conhecimento da verdade (οἶδατε τὴν ἀλήθειαν) pode quase ser comparado a 1Jo 1 (οἱ ἐγνωκότες τὴν ἀλήθειαν.). Schnackenburg (1984) relaciona também o tema da verdade no âmbito da Carta às questões concretas dos ‘ensinamentos de Cristo’ ameaçados pelos hereges. Auch hier handelt es sich um die rechte Lehre von Jesus als dem Christus, und das «Wissen der Wahrheit» kann kaum etwas anderes bedeuten als das «Erkenntnis der Wahrheit» in 2Joh 1 (SCHNACKENBURG, 1967: p. 253).

De fato, a questão se coloca num quadro de concreta defesa da fé e não de uma acadêmica discussão entre duas «escolas. A oposição entre Verdade (ἀλήθεια) e Mentira (ψεῦδος), que encontramos também no Evangelho²⁶, no entanto, não é aquela das Cartas, que permanecem dentro de horizonte “pastoral”, isto é, na defesa contra a heresia. Entretanto, é neste sentido que se aproximam 1Jo 2,23 e 2Jo 9 quando ambos os textos relacionam a heresia à ausência/ não pertencer a Deus²⁷.

Também a expressão grega «ὁ πλάνος» no v.7 poderia ser entendida como um conceito utilizado em antítese à Verdade, porém, sem toda aquela clareza de formulação de 1Jo 4,6: «τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας καὶ τὸ πνεῦμα τῆς πλάνης»²⁸.

Ainda sobre o uso lingüístico de Verdade, é interessante observar a expressão «περιπατεῖν ἐν ἀληθείᾳ» em 2Jo 4 e 3Jo 4. Esta, segundo o contexto, não significa outra coisa que «permanecer na doutrina/ensinamento de Cristo», aquele que Cristo confiou à Comunidade (joanéia). Tanto contexto de 2Jo 4-6, como aquela da 3ª Carta, com a saudação do Presbítero a Caius, toda baseada no elogio do amor fraterno, sinal de vitalidade comunitária, sobretudo no apoio e fraterno acolhimento

dos “verdadeiros” missionários itinerantes, relacionam o ‘caminhar na Verdade’ com a observação do amor fraterno.

Darum läßt sich das «Wandeln in Wahrheit» nicht auf den rechten Glauben einengen oder einseitig in dieser Weise akzentuieren, sondern ist gleichermaßen auf rechten Glauben und gegenseitige Liebe zu beziehen (SCHNACKENBURG, 1967: p. 254).

Como Schnackenburg (1967) também se exprime nesta mesma direção Wengst (1976): onde ele se concentra sobre esta relação básica na lógica teológica joanéia, sobretudo na 1ª Carta:

«Wahrheit» gehört im I Joh untrennbar mit «Wirklichkeit» und «Verwirklichung» zusammen, 1Jo 2,4. Wahrheit hat ihr Kriterium nicht in abstrakter Logik, sondern in der konkreten Tat. Dem Verfasser geht es nicht um abstrakte Satz Wahrheiten (WENGST, 1976: p. 74-78).

Neste sentido se pode afirmar que a Verdade, como regra de vida, caminho, não se assemelha a uma noção abstrata, nem mesmo de domínio individual, mas através da mediação concreta do amor (entendido como mandamento de Cristo: Jo 13,31) se torna uma experiência concreta e eclesial (joanéia). Sua garantia de ‘autenticidade’ tem nestes dois elementos um forte indício na lógica joanéia das Cartas, mas também do Evangelho.

A relação entre Verdade e reta doutrina (ortodoxia apostólica) tem certa ressonância nas Cartas Pastorais, como também em Qumran, com seu fortíssimo acento ético-escatológico (MARTINEZ e BARRERA, 1996; DOS SANTOS, 1999).

Esta discussão comportaria em parte a admissão que se pode interpretar o conceito de Verdade nas cartas, a partir da noção de ‘Ensino de Cristo’ «διδαχῇ τοῦ Χριστοῦ»? Ou que se deveria buscar uma outra conexão?

Die «Lehrer des Christus», in der die Irrlehrer nicht bleiben, gehört gewiß zu dem «Wahrheits»-Besitz, dessen sich die Gemeinde bewußt ist, aber erschöpft nicht das, was der Verf. damit sagen will (SCHNACKENBURG, 1969, p. 255)²⁹.

Um último aspecto dos usos lingüísticos de «ἀληθεια» nas Cartas é proposto a partir de Jo 3: «μαρτυροῦντων σου τῇ ἀληθείᾳ, καθὼς σὺ ἐν ἀληθείᾳ περιπατεῖς» Aqui se apresenta a Caio e à Comunidade cristã uma nova relação: aquela entre dar testemunho da Verdade e caminhar na Verdade. É o testemunho dado por Gaio, a demonstrar se ele caminha na verdade. 2Jo 4: «Ἐχάρην λίαν ὅτι εὔρηκα ἐκ τῶν τέκνων σου περιπατοῦντας ἐν ἀληθείᾳ, καθὼς ἐντολὴν ἐλάβομεν παρὰ τοῦ πατρὸς» pode ajudar a interpretar o conteúdo deste caminhar na verdade, à luz do mandamento recebido do Pai, força do testemunho.

Com a expressão do v.8: «ἵνα συνεργοὶ γινώμεθα τῇ ἀληθείᾳ», colaboradores na verdade, confirma-se que o termo verdade supõe, no esclarecimento de seu conteúdo específico o binômio verdade-amor.

Em outras palavras, ser «colaborador na verdade» supõe uma específica forma de vida eclesial, na qual o convívio fraternal e a colaboração mútua são os sinais por excelência, para indicar a qual verdade se refere. Schnackenburg, (1967) insiste que os colaboradores na verdade, no contexto da Carta estão relacionados a um clássico costume entre religiões e as escolas filosofias no Mundo Romano tardo-antigo. Isto é, que estes sejam ,missionários ambulantes’ (proselitismo).

Sendo assim, quem permanece e difunde na ‘na verdade’ pode ser considerado ‘colaborador’: ‘«Mitarbeiter für die Wahrheit» bezieht sich auf die Unterstützung von Wandermissionaren und kann ähnlich verstanden werden’ (SCHNACKENBURG, 1967: p.256). Em Paralelo com Ps. Clem. Hom XVII, 19, 7ss que considera a expressão ‘colaboradores na verdade’ um sinônimo do verdadeiro Cristianismo:

Em síntese, as três expressões mais importantes do uso lingüístico do termo ‘verdade’ nas Cartas joanêias, a saber, «caminhar na verdade», «dar testemunho da verdade» e «colaboradores da verdade» indicam que o conteúdo mesmo da ‘verdade joanêia’ nas Cartas, não deveria ser facilmente reduzido à expressão «doutrina ou ensinamento de Cristo», pois também os ‘falsos e mentirosos’ dizem anunciá-la. Trata-se na verdade do caminhar na verdade, no contexto do mandamento eclesial, que dá testemunho da Verdade: “Der in den beiden kleinen Joh-Briefen auftauchende Wahrheits-Begriff dürfte sowohl die rechte Lehre als auch die christliche Liebe umfassen.” (SCHNACKENBURG, 1969, p. 256).

Um outro elemento importante, que se impõe ao nosso itinerário dentro do mundo das cartas joanêias é aquele da dimensão do Espírito. Percorreremos brevemente alguns elementos importantes do uso do termo « to. pneu/ma» na Grande Carta Joanêia.

3. 2. «τὸ πνεῦμα» na 1ª Carta:³⁰

Três etapas constituem o nosso percurso dentro das Cartas, em busca dos significados mais importantes que aí se encontram. A primeira refere-se às características da linguagem pneumatológica em relação aquela Paulina no contexto do Cristianismo. A segunda refere-se às funções do Espírito nas Cartas: a metáfora do «χρῖσμα» e suas relações com os discursos de Adeus, o Espírito da Verdade e a questão do dualismo e por fim a relação entre Espírito e Profecia. A terceira refere-se ao título Espírito da Vida e Vida do Espírito.

1Jo 3,24: «ὅτι μένει ἐν ἡμῖν, ἐκ τοῦ πνεύματος οὗ ἡμῖν ἔδωκεν.» 1Jo 4,13” Ὁ τὸν τοῦτο γινώσκουμεν ὅτι ἐν αὐτῷ μένομεν καὶ αὐτὸς ἐν ἡμῖν, ὅτι ἐκ τοῦ πνεύματος αὐτοῦ δέδωκεν ἡμῖν» são os únicos dois textos que na 1ª Carta apresentam

explicitamente a experiência joanêia do Espírito, como uma dom dos fiéis. Diversamente dos textos de Paulo em 1Cor 12 e 14, os carismas não vem citados em campo joanino associados à experiência do Espírito. Três seriam as razões: 1ª). As Epístolas não citam jamais esta fenômeno; 2ª) A posse do Espírito é vista como uma regular in-habitação do Espírito, em todo aquele que crê em Cristo. 3ª) As Epístolas rejeitam visões e experiências particulares de Deus. (4,8.20)³¹.

A semelhança entre estas duas passagens sugere que tenhamos aqui, uma “fórmula catequética”. De fato, muitos são os paralelos Paulinos que indicam esta direção³².

Conclusão:

Estes elementos teológicos paralelos, que constituem o campo comum da tradição cristão primitiva, o autor da carta aplica à esfera concreta da sua catequese batismal apropriando-se segundo aquela tradição de suas comunidades.

Na segunda etapa, constatamos como já tínhamos feito notar na seção sobre o conceito de verdade nas Cartas, que o Espírito no campo da tradição Joanêia está sempre referido, na sua ação e Mistério Pessoal à Pessoa e a Revelação de Cristo, como se expressa claramente sobretudo, nos discursos de Adeus através do título «Espírito da Verdade». Nas cartas, onde o campo de conflito com os “inimigos” da doutrina de Cristo o testemunho do Espírito representa um evolução dentro da perspectiva da pneumatologia joanêia (SCHNACKENBURG, 1984).

Em 1Jo 2,20.27, o termo «χρῖσμα» parece referir-se ao Espírito, as expressões: «ἔχετε» (v.20) e «ἐλάβετε» (v.27) estão em relação com a noção de «dom» do Espírito que encontramos também no Evangelho (14,16: «dw,sei u’mi/n») O Espírito da Verdade habitará nos cristãos.(Jo 14,17//2,27a) e praticará a função de ensinar (Jo 14,26//2,27a-b). O ungido pode ‘ver’ e reconhecer o Espírito da verdade, porque está em estreita relação de seguimento de Cristo.

Em 1Jo 4,1 os espíritos não são em si mesmos poderes sobrenaturais. O problema, o mais importante é se procede ou não de Deus¹. Este problema conduz à questão dos verdadeiros e falsos profetas Em João, como para a profecia clássica de Israel, a questão não recai sobre o aspecto do êxtase profético, mas o fator decisivo é que, segundo Schnackenburg (1984) a missão ‘profética’ implica na recepção de uma mensagem de comprada proveniência divina e aderente a ela: ‘The prophet received his call and message from God and proclaimed the words that God had given him’ (SCHNACKENBURG, 1984, p. 194).

Como na Didaqué 11.7f, o problema dos “falsos e verdadeiros” profetas representa em 1Jo, a problemática dos “falsos e verdadeiros” mestres, sobretudo a causa do provável e difuso fenômeno dos pregadores itinerantes no âmbito das Comunidades Joanêias (AUNE, 1980)

Entre as associações do Espírito e 1Jo, à verdade e à revelação, encontramos também aquela entre Espírito e Vida. Vida que significa Deus, a Vida

Divina. Este Espírito dá a Vida. Isto é, segundo o autor da 1ª Carta, o poder deste Espírito que habita nos ungidos (cristãos), os preserva do pecado. O contexto seguramente é aquele sacramental do Batismo, que domina a pneumatologia Joanéia em oposição à visão gnóstica do Espírito. Esta é ao mesmo tempo a “vida do Espírito”, que preservando do Pecado, possibilita um estilo de vida.

Referências Bibliográficas:

- BENOIT, P. **La Verité dans le Sainte Ecriture: Exegese et Théologie**. Paris: Du Cerf, 1968, p. 143-156.
- _____. Qumran et le Nouveau Testament. **NTS**, n. 73, p. 276-296, 1961.
- BETZ, O. Gottes «Wahrheit» «emet» in der Offenbarung und Schriftforschung in der Qumransekte, Tübingen, 1960.
- BULTMANN, R. Ἀλήθεια. In: KITTEL, G. (Ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Vol. I. A-D. 2. ed. Michigan: Eerdmans, 1991, p. 232-251.
- CAMBIER, J. Le critère paulinien de l’apostolat en 2Cor 12,6. **Bib**, Roma, p. 418-518, 1962.
- _____. Une Lecture de 2Cor 12,6-7a: Essai d’interprétation nouvelle. **Studiorum Paulinorum Congressus I**, Romae, p. 475-485, 1963.
- CLAVIER, H. Recherche Exégétique et théologique sur la notion paulinienne d’epignosis. In: LIVINGSTONE, E.A. **Studia evangelica VI**. Berlin, 1973, p. 37-52.
- COLLINS, J.J. «Testaments» **Jewish Writings of the Second Temple Period**. Philadelphia, 1984, p. 325-355.
- CORTÈS, E. **Los Discursos de adiós de Gn 49 y Jn 13-17: pistas para la historia de un genero literario en la antigua literatura Judia**. Barcelona: San Panciano, 1976.
- DENNIS, A.M. **Les thèmes de la connaissance dans le document de Damas**. Louvain: Bethel, 1967, p. 51. 78. 200.
- DOS SANTOS, P. P. A. Os Manuscritos de Qumran e o Novo Testamento. Observações Preliminares e a Questão do Corpus Jahnneum. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 9-49, 1999.
- DUFOUR, X.L. **Lecture de l’Évangile selon Jean**. Paris: Seuil, III Tomes, 1993.
- KLAUCK, H.-J. Der Weggang Jesu. Neue Arbeiten zu Joh 13-17. **BZNF**, Berlin, vol. 40, p. 236-250, 1996.
- KOCH, K. Der hebräische Wahrheitsbegriff im griechischen Sprachraum. In: MÜLLER-SCHWEFE, H. R. **Was ist Wahrheit?** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1965, p. 47-65.
- KOLENKOW, A.B. The Literary Genre «Testament». In: KRAFT, R.A. and G.W.E. **Early Judaism and Its Moderns Interprets**. Philadelphia: Nickelsburg. 1986, p. 259-267.
- KOSMALA, H. **Hebräer -Essener- Christen**. Leiden: Bethel, 1959.
- LAMBRECHT, J. Paul’s Farewell-Address at Miletus (Acts 20,17-38). In: KREMER, J. (ed.). **Les Actes des Apôtres: Tradition, rédaction, théologie**, Leuven, 1979, p. 307-337.
- LIPS, H. von. **Glaube, Gemeinde Amt**. Göttingen, 1979, p. 33-40.
- MARTINEZ, F. G. e BARRERA, J. T. **Os Homens de Qumran – Literatura, estrutura e concepções religiosas**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- MURPHY O’CONNOR, R. La «Verité» chez Saint Paul et à Qumran. **RB**, Jérusalem, p.

29-76, 1965.

- PÉPIN, J. **La Tradition de l’Allegorie de Philon D’Alexandrie a Dante**. In: , 2 tomes, Études Augustiniennes, Paris: Aubier, 1987.
- SCHANEKENBURG, R. Zum Begriff der «Wahrheit» in den beiden kleinen johannesbriefen. **BZ NF**, Berlin, vol. 11, 253-258, 1967.
- SCHNEIDER, G. **Die Apostelgeschichte**. II. Teil. **HTKNT** 5.2, Freiburg: Herder, 1982, p. 290-300.
- SIMONETTI, M. **Lettera e/o Allegoria. Un contributo alla Storia dell’Esegesi Patristica**, Roma; 1985.
- SPICQ, C. **Note di Lessicografia neotestamentaria** (trad. It. Notes de **Lexicographie néotestamentaire**, Fribourg, 2 vol., 1978), Brescia: Paideia, 1982.
- TERMINI, Claudio. **Le potenze di Dio: Studio su dunamis in Filone di Alessandria**. SEA 71, Roma, 2000.
- TRAGAN, P.-R. **Les Destinataires du discours de Milet: un approche du cadre communautaire d’Ac 20,18-35**. Paris: Du Cerf, 1985, p. 779-798.
- TRÖGER, K.W. War der Evangelist Johannes Christ oder Gnostiker? In: ROGGE, J. und SCHILLE, G. (hrsg). **theologische Versuche. T. VII**. Berlin, 1976, p. 61-80.
- VÖGTLE, A. Die Schriftwerbung der apostolischen Paradosis nach 2Pd 1,12-15. In: **Neues Testament und Geschichte** (Festschrift O. Cullmann). Zürich, 1972, p. 297-306.
- WENGST, K. **Häresie und Orthodoxie im Spiegel des ersten Johannesbriefes**. Gütersloh, 1976.

¹ nos ex Deo sumus qui novit Deum audit nos qui non est ex Deo non audit nos *in hoc cognoscimus Spiritum veritatis et spiritum erroris*.

² DOS SANTOS, P.P. A. A ‘Septuaginta’ (Lxx). A ‘Torah’ na Diáspora Judaico-Helenista e sua Influência na Formação Literária do Cristianismo. Uma Visão de Conjunto da Obra De Marguerite Harl. In: **Maaravi. Estudos Judaicos. Revista Eletrônica da UFMG**, n. 2, Belo Horizonte, 2008.

³ Sl.31,5; 146,6; 36,6; 57,10; 89,2; 108,4.

⁴ Op.mund. 136; Deter. 162; leg.all. 2,10.20; 3,63.174.178.191; Cher. 50; posyter.C. 12.42.119.147; plant. 164; sobr.II. SPICQ, C. **Note di Lessicografia**. p.117, nota 19.

⁵ O objetivo da seita é cumprir com a fidelidade, a justiça e o direito: (I QS 1,5), em antagonismo com a impiedade e com a perversão (I,19,3,7,19; IQH 13,12.15), em vista de uma fidelidade eterna (IQS 9,3). Os membros são os “voluntários pela sua fidelidade”, são “o partido da fidelidade”, são os filhos da fidelidade (=fiéis, IQS 4,5-6; 4QM 17,8; IQM 6,29; 7,30; 9,35), tanto que a congregação se chama «casa da fidelidade» (IQS 5,6; 8,9; CDA 3,19)..

⁶ Rm 2,20: παιδευτην ἀφρόνων, διδάσκαλον νηπίων, ἔχοντα τὴν μόρφωσιν τῆς γνώσεως καὶ τῆς ἀληθείας ἐν τῷ νόμῳ; Gl 5,7, 2,25.

⁷ 1Tim 3,15: «ἐὰν δὲ βραδύνω, ἵνα εἰδῇς πῶς δεῖ ἐν οἴκῳ θεοῦ ἀναστρέφεσθαι, ἥτις ἐστὶν ἐκκλησία θεοῦ ζῶντος, στῆλος καὶ ἑδραῖωμα τῆς ἀληθείας»: ἑδραῖωμα, ‘hapax legomena’ bíblico e ignorado pela literatura profana, vem traduzido muitas vezes por baluarte, fortaleza ou suporte. Corresponde ao termo latino: *firmamentum* (Vg) e deriva do adjetivo «ἑδραῖος»: seguro na sua colocação e estável. Em relação à Igreja indica a realidade de estabilidade e de resistência (Mt 16,18). O’CONNOR, J. La «Verité» chez Saint Paul et Qumran. **RB**, 1965, p. 67s.

⁸ Segundo C. SPICQ percebe-se nesta visão uma forma de influência de Qumran: **Note di Lessicografia**. p. 125: “*Verosimilmente v’è stato un influsso qumraniano: i volontari della Verità di Dio si sono convertiti all’emet*”, que os distingue dos perversos de coração 4,24-25.

⁹ DE LA POTTERIE, I. **La Verité dans S.Jean I-II**. Rome, 1977, p. 5-18 e p. 1004; SCHNACKENBURG, R. **The Johannine Concept of Truth**, (Trad.Ingl.: **Der joh. Wahrheitsbegriff, in Das Johannesevangelium II**. Freiburg, 1972, p. 265-281), p. 225-237; SPICQ, C. **Note di Lessicographia Neotestamentaria. I-II**, (trad.It. Note de lexicographie néotestamentaire, I-II, Supplément, Fribourg, 1982²) Brescia: Paideia, 1988, p. 113-137.

¹⁰ ἀλήθεια ocorre 25 v. no Evangelho e 20 v. nas Cartas, ἀληθής ocorre 13 v. no Evangelho e 3 v. nas Cartas, e ἀληθινός 9 v. no Evangelho e 4 v. na 1ª Carta. A Comparação com os outros escritos do NT mostra na imensa diferença, a importância deste termos e seus derivados para a teologia joanina. Para uma visão mais completa do usos de ἀλήθεια no conjunto do NT e na LXX: MORGENTHAU, R. **Statistik des neutestamentlichen Wortschatzes**. 4ª Edição. Zürich, 1992, 70.

¹¹ MORGENTHAU, R. **Statistik**, p. 70: «ἀλήθεια» não ocorre nenhuma vez no Apocalipse, mas o adjetivo ἀληθινός, que ocorre 7 vezes no NT, sempre dentro do “Corpo Joanino”: 2v no Evangelho (4,37; 7,28) 1v. na 1Jo 5,20; e 4 v. no Apocalipse (3,7.14; 6,10; 19,11)

¹² SCHNACKENBURG. **The Johannine Concept**, p. 225-226: Em 1911 F.Büchsel publica **Der Begriff der Wahrheit in dem Evangelium und in den Briefen des Johannes**. Gütersloh, nesta obra no entanto, ele não analisa esta problemática, o fará somente *em Johannes und der hellenistische Synkretismus*. Gütersloh, 1928, porém, de maneira infundada, ele concluiu que o termo verdade em João depende do ambiente greco-helenista; BULTMANN, R. ἀλήθεια. In: **TWNT**,1933, afirma, baseado em Untersuchungen zum Johannes-Evangelium. In: **ZNW** 27 (1928), p. 113-1163, que o uso joanino de «ἀλήθεια» tem pontos de contacto com o dualismo do gnosticismo helenístico, apesar de encontramos na 1ª Carta, uma clara distinção ética e não ontológica. R.Bultmann interpreta existencialmente este contexto, isto é, verdade e falsidade devem ser entendidas à luz das possibilidades reais do ser humano.(**TDNT I**, 1991³, p. 245) Mais tarde no seu comentário a João ele utilizará esta mesma hermenêutica existencial. Ele classifica o termo verdade como “divinas realidades”, tendendo muito mais a reduzir o pano-de-fundo religioso e cultural da «ἀλήθεια» Joanina ao mito gnóstico, que considerá-lo como um autêntico produto joanino. As descobertas de Qumran, colocaram o background joanino cada vez mais próximo ao Judaísmo.DODD, C.H **The Interpretation of the Fourth Gospel**. Cambridge, 1968, p. 170-179, reconhece a influência Semítica da «ἀλήθεια» joanina, todavia, baseado em seu velho estudo: **The Bible and the Greeks**. London, 1935, p. 42-75, ele considera a influência do hermetismo muito mais importante para a compreensão do termo “verdade” nos escritos joaninos. SCHNACKENBURG. **The Johanne Concept**. p. 226, insiste que consideração das possíveis relações entre o mundo Semítico e aquele de Qumran com o Evangelho devem ser consideradas não do ponto de vista do dualismo ontológico, mas do ponto de vista do AT. Outros autores, como LORANO, J. **El Concepto de verdad en S.Juan**. Salamanca, 1964, p. 56-67; BETZ, O. **Offenbarung und Schriftforschung in der Qumransekte**. Tübingen, 1960, p. 53-61; BECKER, J. **Das Heil Gottes**. Göttingen, 1964, p. 217-237; YU IBUKI. **Die Wahrheit im Johannesevangelium**. Bonn, 1972 buscam demonstrar os

reultados da comparação entre religiões aplicados aos escritos Joaninos. DE LA POTTERIE, em **La Verité dans S.Jean, I-II**. Roma, 1977, e em **Storia e Verità**. In: LATOURELLE, R. e COLLINS,G;O. **Problemi e prospettive di teologia fondamentale**. Brescia: Paideia, 1980, p. 115-139, opondo-se a R.Bultmann, explicita a proximidade do campo joanino àquele do judaísmo tardio, sem perder entretanto de vista, a “originalidade” teológica de João.

¹³ SCHNACKENBURG, **The Concept**. p. 235: “*The last remarks force us to recognize of all the points of historical and intellectual contact with other texts, and principally with the literature of Qumran, the originality of the Johannine concept of truth.*”, SPICQ, **Note di Lessicographia**. p. 125: “*In S.Giovanni «ἀλήθεια» diviene termine propriamente cristiano, appartenente al lessico della rivelazione degli epigeia e degli επουρανία*”.

¹⁴ Sobre a centralidade cristológica da «ἀλήθεια» Joanina, estão de acordo: SCHNACKENBURG. **The Concept**. p. 236: “*The Evangelist uses the term «ἀλήθεια» to interpret the event of revelation in Jesus Christ*”, SPICQ, Note di Lessicographia128: “*L’ἀλήθεια è il contenuto della parola di Gesù, dell’uomo e del loro rapporto (Giov 1,17; 14,6)*”. No campo da Pneumatologia joanina, o termo τὸ πνεῦμα τῆς ἀληθείας relaciona o Espírito à Verdade, o que indica a necessidade de manter e afirmar a centralidade de uma leitura “Cristológica” no campo do Espírito: COTHENET, E. Le Saint Esprit dans les Corpus Johanniques. **DSB**, Paris: Du Cerf, 1991, p. 345-398, esp. p. 345: “*Dans le Corpus Johannique, le point de vue Christologique domine: c’est la relation de l’Esprit avec l’enseignement et la personne du Christ qui retient avant tout l’attention*”.

¹⁵ DE LA POTTERIE, **La Verità**. p.1010-1011: Sobre a leitura sapiencial e apocalíptica do termo verdade, nos escritos joaninos sugerida por _____. p. 1008, a que opõe-se radicalmente SCHNACKENBURG, **The Johannine Concept**. p. 235.

¹⁶ MUNCCK, J. Discours d’adieu dans le nouveau testament et dans la literature biblique. In: **Aux Sources de la Tradition Chrétienne**, ded. A.M.Gourgel, Neuchtel- Paris, 1950, p. 155-170; STAGG, F. The Farewell Discourses: John 13-17. In: **Rev.Exp.**, n. 62, New York, p. 455-472; 1965; DEN BUSCHE, H.V. Les Discours d’adieux de Jesus. In: **Bible et Vie Chrétienne**, Paris: Du Cerf, 1970. CORTÈS, E.**Los Discursos de adiós de Gn 49 y Jn 13-17: pistas para la historia de un genero literario en la antigua literatura Judia**. Col S.Paciano 23, Barcelona, 1976; SIMOENS, Y. **La Gloire d’aimer**. AnBib. 90, Roma, 1981; KAEFER, J.P. Les Discours d’adieux en Jean 13,31-17,26: Rédaction et Théologie. In: **NTS**, n. 26, p. 253-282, 1984; SCHNACKENBURG, R. **Ihr werdet mich sehen: Die Abschiedsworte Jesu nach Joh 13-17**, Freiburg: Herder, 1985; KURZ, W.S. **Farewell Addresses in the New Testament**.Minnesota: St. Paul, 1990; F. SEGOVIA, F. **The Farewell of The Word: the Johannine Call to Abide**. Minneapolis: St. Paul, 1991; KLAUCK, H.-J. Der Weggang Jesu. Neue Arbeiten zu Joh 13-17. In: **BZ NF**, n. 40 Bön, p. 236-250, 1996; SCHNELLE, U. Die Abschiedsreden im Johannesevangelium. In: **ZNW** n. 80, Berlin, p. 64-79, 1989.

¹⁷ Não existe unanimidade em incluir a esta passagem lucana no gênero de discurso de Adeus. São favoráveis: KURZ, W.H. Lk 22,114-38 and Greco-Roman and Biblical Farewell Addresses. In: **JBL**, n. 4, p. 251-268, 1985; NEYREY, J. **The Passion According to Luke: A Redaction Study of Luke’s Soteriology**. N. York, 1985, p. 5-48. Contrário: FITZMYER, J.A. **The Gospel According to Luke (X-XXIV)**. AB 28A, Garden City: Anchor Bible 1985.

¹⁸ Para uma breve, mas rica visão da história da interpretação dos discursos de Adeus

joaninos, no seu percurso patrístico: BAMEL, C.P. The Farewell Discourse in patristic exegesis. In: **Neot.**, n. 25, p. 193-209, 1991.

¹⁹ Em relação à hipotética reconstrução do ambiente eclesial joanino, a partir de qualquer teoria literária baseada nos discursos de Adeus: PAINTER, J. The farewell discourses and the history of the johannine Christianity. In: **NTS**, n. 27, p. 525-543, 1981; ZUMSTEIN, J. Le point de vue de l'école johannique sur les logia de Jesus dans le premier discours d'adieu. In: **RSR**, n. 69, p. 59-69, 1995. De fato muitos autores buscam demonstrar que através dos cap. 13-17 encontramos “pistas” para a reconstrução do ambiente e da teologia da chamada “escola Joanéia” ou mesma da “Comunidade Joanéia”, em sentido mais amplo. SCHNELLE, U. *Die Abschiedsreden im Johannesevangelium*. In: **ZNW**, n. 80, p. 64-79, 1989, no qual, ele, a partir dos discursos de 13-17 discute a questão da estrutura mesma do Evangelho; “*Die Abschiedsreden sind ein Schlüsseltext für die Beurteilung der literarischen und der theologischen Intention der 4.Evangeliums.*” (64), e sugere claramente a relação entre a análise literária e exegética de Jo 13-17 e o contexto existencial da Comunidade Joanéia: “*Die Text der Abschiedsreden sind somit weder situationslos noch funktionslos, sondern sie lassen das Bemühen des Evangelisten erkennen, seiner Gemeinde den Sinn und die Bedeutung der Verherrlichung Jesu umfassend zu erschließen. Haben die Abschiedsreden vornehmlich die Situation der Gemeinde im Blick, so kommt ihnen die Funktion einer grundlegenden Sinndeutung zu...*” (78). Ainda nesta perspective: DU RAND, J.A. A Story and a Community. Reading the First Farewell Discourse (John 13, 31-14-31). In: **Neot.** n. 26, p. 47-58, 1992.

²⁰ Jo 13, 1.3.33; 14,1-3a.12.16.18.27.27.30; 16,4,5.6.7.10a.10b.16.17a.19.22.28.33; 17,10.11.12.13.

²¹ De fato, o artigo já citado de PAINTER (1981) toma a promessa do Paráclito, nestes capítulos, não somente como espelho que reflete os diversos estágios vitais da comunidade joanéia: No primeiro discurso, um contexto anterior à expulsão da Sinagoga, porém, já com uma situação de forte oposição, no segundo, ao contrário, em aberta e crescente conflito com a Sinagoga, e no terceiro, que seria uma releitura do primeiro, a comunidade cristã-joanéia vive a expulsão-ruptura total com a Sinagoga. Mas, ao mesmo tempo, uma estrutura literário-organizativa ao interno da seção mais ampla dos discursos de Adeus, isto é, 13-17. Nesta perspectiva mas, com um acento mais sociológico: DRAPER, J.A. The Sociological Function of the Spirit/Paraclete in the Farewell Discourses in the Fourth Gospel. In: **Neot.** n. 26, p. 31-45, 1992.

²² CORTÈS, E. **Los Discursos de adiós**. p. 443, nota 214: “*No es solamente un discurso de “adiós” sino también de “hasta luego”.*”

²³ Sobre as Cartas Joanéias em seu contexto histórico: BLACK, C.C. The Johannine Epistles and the Questions of the Early Catholicism. In: **NT**, n. 28, p. 131-158, 1986; BOGART, J. Orthodox and Heretical Perfectionism in the Johannine Community as Evident in the First Epistle. **SBLDS**, n. 33 (1977), Chicago; LIEU, J. **The Second and Third Epistles of John**. Edinburgh, 1986; _____. **The Theology of the Johannine Epistles**. Cambridge, 1991; HOULDEN, J.L. **The Johannine Epistles**, London, 1985; PAINTER, J. The Oponents in 1John. In: **NTS**, n. 32, p. 48-71; 1986; PERKINS, P. Koinonia in 1st John 1,3-7: The Social Context of Division in the Johannine Letters. In: **CBQ**, n. 45, p. 45-73, 1983; WENGST, K. **Häresie und Orthodoxie im Spiegel des ersten Johannesbriefes**. Gütersloh, 1976. Ressaltamos os Comentários e estudos, de estilo mais clássico, onde se

unem pesquisa histórica sobre as Comunidades Joanéias, que emergem da leitura das Cartas e estudo exegético-teológico dos textos: WESTCOTT, B.F. **Epistles of St. John**. 4^a Edição. London, 1902; SCHNACKENBURG, R. **Die Johannesbriefe**. 2^a Edição. Freiburg i.Br.: Herder, 1963; THÜSSING, W. **Die Johannesbriefe**. Düsseldorf, 1970, DELEBECQUE, E. **Épîtres de Jean**. Paris, 1988; KLAUCK, H.-J. **Die Johannesbriefe**. Darmstadt, 1991 (Com uma vasta e atualizada bibliografia, XV-XIX, além das indicações ao início de cada Capítulo); _____. **1. Johannesbrief**. EKK, Zürich, 1991; _____. **2. 3. Johannesbriefe**. EKK, Zürich, 1992; THOMPSON, M.M. **1-3 John**. Illinois, 1992. Um estudo mais temático para a história da interpretação destas cartas: DIDEBERG, D. **Saint Augustin et la Première Épitre de Saint Jean: une théologie de l'agapè**, Théologie Historique 34, Paris, 1975, (NB: Uma rica bibliografia: p. 11-27); DE LA POTTERIE, **La Vérité dans S.Jean**. p. 280-328; DALBESIO, A. **Alle Sorgenti dell'esperienza cristiana: il messaggio spirituale della Prima lettera di Giovanni**. Brescia: Paideia, 1993.

²⁴ Este artigo na verdade, comenta o resultado das análises de BERGMEIER, R. Zum Verfasserproblem des II. und III. Johannesbriefes, **ZNW**, Berlin, vol. 57 p. 93-100, 1966. Para uma idéia mais precisa do pensamento de SCHNACKENBURG, R. **Die Johannesbriefe**. 7^a ed. Freiburg i.Br.: Herder, 1984.

²⁵ SCHMOLLER, A. **Handkonkordanz zum griechischen Neuen Testament**. 14^a Edição. Stuttgart, 1968, p. 26: O termo «avlh, qeia» ocorre 20 v., nas três Cartas, em todos os casos, somente no nominativo, 12v.: 1Jo 1,18, 2,4, 3,18, 5,6; 2Jo 1,1.3.4; 3Jo 1,3.4.8.

²⁶ Jo 8,44: «ὅτι οὐκ ἔστιν ἀλήθεια ἐν αὐτῷ. ὅταν λαλῇ τὸ ψεῦδος, ἐκ τῶν ἰδίων λαλεῖ, ὅτι ψεῦστης ἐστὶν καὶ ὁ πατήρ αὐτοῦ.» e 18,37b: «καὶ εἰς τοῦτο ἐλήλυθα εἰς τὸν κόσμον, ἵνα μαρτυρῶ τῇ ἀληθείᾳ· πᾶς ὁ ὢν ἐκ τῆς ἀληθείας ἀκούει μου τῆς φωνῆς».

²⁷ SCHNACKENBURG, **Zum Begriff**. p. 254, concorda que exista um certo parentesco entre 1Jo 2,23 (τὸν πατέρα ἔχει) e 2Jo 9 (θεὸν οὐκ ἔχει). Sobre esta última afirma: “*Das ist eine Formulierung, die mit 1Joh 2,23 nahe verwandt ist.*”. Sobre outras formulações semelhantes entre as cartas: SCHNACKENBURG, **Die Johannesbriefe**. 2^a Edição. Freiburg: Herder, 1953, p. 315.

²⁸ SCHNACKENBURG, R. **Zum Begriff**. p. 254: “*Man darf von einem kurzen, aus aktuellem Anlaß geschriebenen Billet nicht das gleich erwarten wie von längeren theologischen Schreiben.*”.

²⁹ O “Ensinamento de Cristo”, no qual não permanecem os Hereges, está relacionado, certamente aos que escutam a “verdade” - propriedade a comunidade está consciente, mas ela não criou o que o autor queira dizer com isto’.

³⁰ Seguiremos de perto SCHNACKENBURG, R. **On Concept of the Spirit in 1 John**. In: _____. **The Johannine Epistles**, Tunbridge Wells, 1992, p. 191-195 Sobre este argumento.; DE LA POTTERIE, **La Vérité dans S.Jean, I-II**, espec. p. 280-328; COETZEE, J.C. The Holy Spirit in 1 John. In: **Neot.**, n. 13, p. 43-67, 1979; BURGE, G.M. **Spirit and Identity in 1John**. _____. in **The Anointed Community: The Holy Spirit in the Johannine Tradition**. Michigan, 1987, p. 171-177; COTHENET, E. L'Esprit Saint dans la 1^{re} de Jean. **DSB**, Paris, 1991, p. 381-392.

³¹ Segundo SCHNACKENBURG, On The Johannine Concept. p.191: o Espírito era recebido “liturgicamente”, em um rito sacramental Os dons escatológicos, que marcam a experiência cristã primitiva não tem nenhum efeito dentro do quadro teológico joanino. Sobre o quadro Geral do Desenvolvimento da Pneumatologia no Cristianismo Primitivo:

MENZIES, R.P. **The Development of Early Christian Pneumatology, with special reference to Luke-Acts.** Sheffield, 1991.

³² 1Ts 4,8: o convite à santidade « τοιγαροῦν ὁ ἀθετῶν οὐκ ἄνθρωπον ἀθετεῖ ἀλλὰ τὸν θεὸν τὸν [καὶ] διδόντα τὸ πνεῦμα αὐτοῦ τὸ ἅγιον εἰς ὑμᾶς. »; Gal 5,22: o Espírito produz muitos frutos de Salvação « Ὁ δὲ καρπὸς τοῦ πνεύματός ἐστιν ἀγάπη χαρὰ εἰρήνη, μακροθυμία, χρηστότης ἀγαθωσύνη, πίστις » em Ef 1,17: o Espírito vem denominada de sabedoria e revelação « ἵνα ὁ θεὸς τοῦ κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ πατὴρ τῆς δόξης, δώῃ ὑμῖν πνεῦμα σοφίας καὶ ἀποκαλύψῃ ἐν ἐπιγνώσει αὐτοῦ » 2Tm 1,7: « οὐ γὰρ ἔδωκεν ἡμῖν ὁ θεὸς πνεῦμα δειλίας ἀλλὰ δυνάμεως καὶ ἀγάπης καὶ σωφρονισμοῦ » Como em Rm 5,5: « ἡ δὲ ἐλπίς οὐ κατασχύνει, ὅτι ἡ ἀγάπη τοῦ θεοῦ ἐκκέχυται ἐν ταῖς καρδίαις ἡμῶν διὰ πνεύματος ἁγίου τοῦ δοθέντος ἡμῖν » em todas as passagens o verbo “dar”, indica tecnicamente a presença de uma fórmula pré-estabelecida. “But in early Christianity it is apparently applied concretely to the conferral of the Spirit in Baptism.”, 191.

³³ 1Jo 4,1: « εἰ ἐκ τοῦ θεοῦ ἐστιν » eis a questão-chave do discernimento cristão dos “espíritos” em todos os tempos.

O USO DA ARTE COMO UM RECURSO MORALIZANTE DA HÉLADA

Profa. Adriana Clementino de Medeiros
Professora de História da Arte (UERJ) e Especialista em Arteterapia e Psicopedagogia (UCAM)

RESUMO

O olhar para o nu através da história, a partir de pensamentos morais e pedagógicos surgido com a civilização grega e a influência da civilização helênica na representação do corpo humano nas épocas posteriores. A moralidade e a intervenção religiosa no processo artístico, tornando a imagem do homem e da mulher – até então influenciados pela estética clássica - fontes de pecado e luxúria. O renascer da arte clássica após a opressão religiosa, com o ressurgimento do antropocentrismo no Renascimento. A comparação da ousadia artística grega e renascentista na representação do nu. A estética grega na representação da beleza humana e sua importância na arte universal.

Palavras-chave: arte helenística; estética; moral

Moral: s.f., conjunto de regras e conduta consideradas como válidas, quer de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, quer para grupo ou pessoa determinada. (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

Pensar no processo da construção estética das esculturas gregas, principalmente as do período helenístico, é vislumbrar a moral de um povo que consagra o prazer do belo através do físico perfeito, utilizando imagens de esculturas como instrumento quase pedagógico para divulgar o ideal helênico da polis perfeita.

A arte grega nos períodos clássico e helenístico assume uma característica mais livre esteticamente, mas ainda imbuída de uma série de regras estéticas, mesmo quando o objeto final artístico era o nu.

O tema “nu” já era utilizado desde a pré-história, com representações das primeiras vênus paleolíticas que apresentavam corpos totalmente desnudos, e veio passando por “*adaptações de época*” até chegar à civilização na qual este trabalho se baseia.

As esculturas de nu na pré-história — vinculadas a uma moral primitiva de sobrevivência básica — associavam-se a um simbolismo pagão onde as imagens cumpriam uma função mágica. Essa característica artística de representação do nu com função religiosa se manteve presente em muitas civilizações antigas até chegar à Grécia, onde o sentido de moral, ainda que sem a conotação sexual, começa a ser